

## **Um Palestra Itália em Curitiba: Apontamentos Comparados com o Caso Paulistano**

Jhonatan Uewerton Souza

Resumo: Entendendo o futebol como uma prática social canalizadora de tensões próprias da conjuntura sócio histórica na qual se insere, levando em conta seu potencial em fomentar, criar, recriar, apropriar-se e imaginar comunidades, fortalecendo laços nacionais, de classe, de gênero, de bairro, etc. E atentando para a necessidade de desenvolver estudos comparativos nessa área de investigação, propomo-nos analisar os anos iniciais de dois clubes representativos da comunidade italiana voltados á prática do futebol nas cidades de São Paulo e Curitiba. Criado em 1914, o Palestra Itália de São Paulo é amplamente conhecido, o clube que dele se originou, a Sociedade Esportiva Palmeiras, goza de vasta torcida e reconhecimento no campo esportivo. No nome de seu novo estádio - Arena Palestra Itália – ostenta a memória de seu predecessor, memória esta vastamente instrumentalizada por sua torcida no intuito de fortalecer seus laços identitários. Menos conhecida, no entanto, é a trajetória de um outro Palestra Itália, este situado na cidade de Curitiba.

Na esteira da popularidade do primeiro, uma série de trabalhos acadêmicos foram dedicados à compreensão dessa entidade, seu papel na edificação, ou consolidação, de uma identidade italiana em São Paulo, sua importância para a inserção desses imigrantes no ambiente social da cidade e a forma como o clube foi tratado pelos clubes tradicionais da cidade, representantes em grande parte da elite local e tendo seus ideais expressos nos periódicos de grande circulação à época, são temas constantes nesses trabalhos. O caso curitibano, esquecido nas teias da memória, até o presente momento, não foi alvo de investigações mais densas, nosso esforço vem no sentido de romper com as fronteiras geográficas do estudo de história dos esportes, ainda muito centrado no eixo Rio-São Paulo. Tendo como objetivo central, compreender o processo de criação desses clubes e a forma como estes foram recebidos pelos periódicos de São Paulo e Curitiba, com especial atenção para O Estado de São Paulo e a Gazeta do Povo respectivamente, e levando em conta que a compreensão da recepção desses clubes se relaciona com a recepção dos próprios imigrantes italianos em São Paulo e Curitiba, e é sintomática da forma como estes eram tratados nos primeiros anos do século XX no Brasil. A luz do exposto acima, propomos durante o trabalho, estabelecer comparações entre a fundação dos dois clubes, os objetivos da criação dessas entidades e o trato que elas receberam em seus primeiros anos de existência, destacando tanto as semelhanças quanto as diferenças entre os dois casos.

Os resultados de nossa pesquisa apontam a relevância do método comparativo, frente à possibilidade de compreender através desses clubes - situados em localidades distintas - a forma como os imigrantes que compunham o quadro associativo dessas entidades eram tratados na sociedade que os acolheu. Nos dois casos, a resistência, ou descaso, da imprensa local são verificados no trato com os clubes, mesmo em períodos vitoriosos de suas trajetórias, indicando uma postura ainda hostil, mesmo na década de 1920, à completa inserção desses imigrantes, na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Futebol; imigração; Palestra Itália.

Na passagem do século XIX para o XX o mundo era tomado pelo ideário da Belle Époque, que só entraria em decadência com o início da Grande Guerra em 1914. A elite brasileira importava os costumes europeus tidos como “modernos” e “civilizados”, dentre eles os esportes, símbolos da modernidade e com ampla relação com o processo de urbanização que alterava as formas de sociabilidade nas cidades brasileiras. A característica tipicamente moderna dos esportes será um fator determinante na introdução de algumas modalidades, como o futebol, em cidades como São Paulo.

Nos anos finais do século XIX São Paulo era uma cidade pequena. Seus cerca de 25 mil habitantes, conviviam em uma localidade precária, com parca estrutura e poucas opções de divertimento. Os lucros advindos da expansão das fronteiras do café vão abalar a monotonia da cidade. Capital da província, elo que ligava o litoral ao interior e entreposto financeiro, São Paulo tornava-se em pouco tempo a cidade do dinamismo, do crescimento. Essas transformações alteraram os costumes locais, rompendo valores tradicionais substituídos pelos costumes “modernos” e “civilizados”, o que, nesse momento, era sinônimo de europeus. E se antes, as touradas, as caçadas e os banhos, eram o que de mais próximo dos esportes havia na cidade, agora, com as mudanças em São Paulo, o apelo à prática esportiva será enorme. Segundo Fábio Franzini:

[...] quanto mais a tradição se tornava sinônimo de “atraso” e, por extensão, um empecilho ao “progresso”, a vitalidade dos *sports*, no plural, passou a oferecer um apelo irrecusável: por meio deles, os habitantes da cidade podiam vincular-se à velocidade, ao dinamismo e, sobretudo, ao espírito dos novos tempos que ora se abriam (FRANZINI, 2010, p. 51):

Nesse momento uma série de modalidades esportivas chega à cidade, a pelota basca, o críquete e o remo são alguns exemplos. Clubes destinados a essas práticas eram fundados, reunindo os filhos das elites ansiosos em experimentar as novas excitações da modernidade, é o caso de do Club de Corridas Paulistano, o São Paulo Athletic Club, o Club de Regatas de São Paulo e o Club de Regatas do Tietê. Já no início do século XX e mais tarde com o eclodir da Grande Guerra, esse ideário moderno, passava a mesclar-se com o de força, raça, virilidade, higiene. O corpo tinha de ser treinado, desenvolvido como uma máquina, moldado, sob uma nova estética. Esse momento é representado, segundo Franzini, por uma frase que se populariza na paulicéia: *mens sana in corpore sano*. Nesse momento, com estímulo da imprensa e de políticos como Washington Luís, se conforma um ambiente esportivo, com ampla diversidade de modalidades, que iam da esgrima ao boxe, do automobilismo ao ciclismo. Nesse leque de opções, um esporte em especial se destacará, o *football association*.

A introdução do futebol no Brasil se deu por múltiplos canais, no entanto, na cidade de São Paulo, a configuração de um campo esportivo, está amplamente relacionado com imigrantes ingleses e alemães e com os filhos da elite local. Dentro desse estrato social, o jovem Charles Muller era uma figura de destaque, foi ele quem capitaneou a equipe de futebol do São Paulo Athletic Club, formada em 1886. Logo apareceriam novos quadros, ligados ou a elite local, como é o caso da Associação Atlética Mackenzie C. e do C. A. Paulistano, ou a colônias de imigrantes como o Germânea e o S. C. Internacional. Da iniciativa desses clubes nasceu a Liga Paulista de Foot-Ball em 1901.

Nesse primeiro momento, o futebol tinha um caráter elitista, os clubes e federações ao passo que regulamentavam o esporte, restringiam o acesso às camadas populares e aos “homens de cor”. Essas instituições zelavam para a manutenção da ordem vigente no futebol, restringindo sua prática social aos “bem nascidos”, o amadorismo reduzia a possibilidade de dedicação à prática esportiva a um grupo seletivo da sociedade, que gozava do acesso ao ócio, este que era um luxo para os operários da primeira república. Paralelo a isso, o futebol se popularizava em campos espalhados por todos os lugares, e não tardou a surgir times ligados às camadas sociais excluídas do futebol oficial, a várzea era o local dos embates entre esses clubes. De início os clubes de várzea eram estigmatizados pelos da elite, seus atletas eram

tratados como desocupados e desordeiros, não se enquadrando no perfil do “verdadeiro” *sportman*. Com o tempo, e a massificação do fenômeno esportivo, as pressões para a inserção de um clube oriundo das classes populares no futebol oficial foram se intensificando. As federações e times tinham parte de sua renda advinda da cobrança de ingressos, ter um bom quadro era necessário para obter vitórias e ampliar a torcida (SALUN, 2007). A maior competitividade levou à prática ilegal do “amadorismo marrom”, a questão do profissionalismo estava posta na mesa, dividindo clubes e sendo um dos fatores para a cisão de 1913, quando Paulistano e Mackenzie romperam com a LPF (Liga Paulistana de Foot-Ball) e fundaram a Associação Paulista de Sports Atlético. É nesse contexto de transformações no campo esportivo paulistano que surge o Palestra Itália em 26 de agosto de 1914, um mês antes, em Julho, eclodia a Grande Guerra no continente europeu.

### Imigração italiana e associações étnicas

Segundo o historiador João Fábio Bertonha (2005) o desenvolvimento do modo de produção capitalista na Europa fez com que se alterassem os meios de transportes, surgindo ferrovias e navios mais rápidos e maiores, facilitando assim o deslocamento de pessoas. Além do desenvolvimento tecnológico o desenvolvimento do capitalismo na Itália deixou uma massa de camponeses desempregados, pois não conseguiam concorrer com os grandes latifundiários no sul italiano. Após a unificação do país a situação não melhorou, em busca de apoio político dos grandes proprietários de terras do sul italiano, o governo fez pouca coisa para diminuir o monopólio sobre a terra. Esses camponeses falidos devido aos altos tributos lançados sobre eles no intuito de desenvolver a indústria no norte do país, tiveram de vender as terras, tendo de escolher entre a miséria, o trabalho intenso e mal pago nas indústrias, ou a emigração. Aliado a esse fator, acontecimentos como o fim da escravidão nas Américas, a difusão da sociedade industrial pelo mundo e a constituição de Estados independentes no continente Americano, geraram uma demanda por mão de obra nessas novas nações, tornando-as atrativas a essas comunidades européias, que se encontravam em más condições em seus países de origem. Segundo Bertonha cerca de 4,4 milhões de pessoas imigraram para o Brasil de 1846 a 1932.

Para o autor, no período entre a unificação da Itália e a primeira guerra mundial, os esforços da elite em reduzir as desigualdades regionais e formar uma unidade italiana foram bem sucedidos, refletindo no que o autor chama das “outras Itálias”, comunidades de italianos espalhados pelo mundo.

[...] o regionalismo ou identidade regional (regiões) que caracterizavam os imigrantes italianos em fins do século XIX e início do XX estavam sendo gradativamente substituídos, nas primeiras décadas do século XX, por uma identidade italiana, o que, em boa medida, deve ser atribuído justamente à força do nacionalismo que emanava da Itália e atingia as coletividades italianas no exterior. (BERTONHA, 2005, p. 60).

No Brasil, segundo Bertonha, fica evidente o esforço das elites locais de origem italiana e em menor grau do governo Italiano, em construir uma unidade cultural e lingüística entre as comunidades italianas que aqui residiam. Para o autor, a criação de associações como o *Circolo Italiano* e o *Istituto Medio Dante Alighieri*, eram exemplos disso.

A vida associativa dos italianos no Brasil teve início antes mesmo da imigração em massa, durante o século XIX, uma série de associações de ajuda mútua foram fundadas no país por esses imigrantes. Essas associações tinham um papel importante para a comunidade italiana, e eram verdadeiros mecanismos de sobrevivência e integração em um território estrangeiro em que alguns serviços, como os médicos, eram de difícil acesso. Segundo Ângelo Trento (1989),  $\frac{3}{4}$  dessas associações eram de beneficência, para socorro mútuo em caso de acidentes de trabalho ou necessidades médicas. Trento afirma que na passagem do

século XIX para o XX houve uma pulverização dessas associações em localidades como São Paulo e Rio Grande do Sul, tendo alcançado no caso paulista “392 associações em 1912” (TRENTO, 1989, p. 172). Apesar da grande quantidade, a maior parte dessas associações vivia a duras penas, sem muitos sócios e com pouco destaque. A cerca disso o jornalista Gaetano Pepe (apud TRENTO, 1989, p. 172) constatava que em 1904 nenhuma das associações em São Paulo tinha sede própria.

Ângelo Trento aponta três fatores como os principais responsáveis pela pulverização de associações minúsculas, e a conseqüente precarização dessas associações. Um deles se relacionava à própria distribuição desses imigrantes no território nacional, ou seja, o isolamento de comunidades no sul do Brasil e no interior de São Paulo eram situações que favoreciam um desenvolvimento associativo de caráter local. Outro fator desagregador seria “[...] a persistência e o fortalecimento de identidades regionais e locais.” (TRENTO, 1989, p. 172), uma herança da divisão interna na Itália e de sua unificação tardia. Por último, as elites italianas no Brasil, com pouca participação na vida política nacional, interferiam na vida associativa dessa comunidade, contribuindo para disseminação de pequenas entidades relacionadas a esses grupos econômicos e intelectuais.

A causa dessa fraqueza orgânica, da latente tendência à cisão e à nova fundação, do multiplicar-se de tantas minúsculas e ineficientes “panelinhas” de amigos e clientes (salvo as devidas exceções) deve ser provavelmente atribuído ao fato de que a elite econômica e intelectual italiana, participando pouco da vida política e pública do país – por impossibilidade ou por escolha –, descarregava na vida associativa da colônia ambições, frustrações, manias de grandeza e querelas pessoais. (TRENTO, 1989, p. 172)

A divisão interna na colônia italiana era tão grande, e refletia de tal modo em suas associações que, mesmo a tentativa de formar uma federação dessas associações se viu frustrada. Nos clubes esportivos em geral, e nos destinados à prática do futebol em específico, essa realidade não era diferente. Com a popularização do futebol, uma série de pequenas equipes ligadas à comunidade italiana foram formadas. O Ítalo Team, o Società Calcista Fiorentina e o Centro Recreativo Sportivo Piemonte são alguns exemplos. Seguindo a mesma lógica de outras associações como as de beneficências, esses clubes esportivos representavam grupos unidos por identidades regionais, e não propunham uma integração da comunidade italiana em São Paulo. O Palestra Itália irá romper esse paradigma associativo da comunidade italiana, em pouco tempo multidões de *oriundi* nascidos nas mais diversas regiões da península itálica lotarão os estádios, propondo uma nova forma de integração desse grupo, modificando sua auto-imagem e contribuindo na inserção desses imigrantes na sociedade receptora. (ARAÚJO, 2000, p. 7)

### Um Palestra em São Paulo

Apesar da grande importância que clubes como o Palestra Itália ou o Sport Club Corinthians tiveram no desenvolvimento do futebol em São Paulo, influenciando para que novas pessoas se interessassem pela prática desse esporte, segundo Alfredo Oscar Salun, a fundação dessas equipes é, em maior medida, conseqüência, que causa, do processo de popularização do esporte (SALUN, 2007). Originados em bairros operários e captando jogadores das várzeas, Palestra e Corinthians, tem uma história parecida e completamente antenada com as transformações do futebol na terra da garoa. Essa trajetória similar gerou inclusive uma versão para a fundação do Palestra Itália, que não corresponde aos fatos documentados. Segundo esta, o Palestra teria se originado de uma cisão do Sport Club Corinthians em 1914, a prova apresentada é a transferência do jogador e dirigente esportivo corinthiano Bianco Gambini para o Palestra. Segundo José Renato de Campos Araújo, a transferência de Gambini teria relação com a proposta inicial do clube, ou seja, a de reunir jogadores italianos

espalhados pelos times da cidade, congregando-os em uma equipe representante da comunidade italiana. (ARÁUJO, 2000)

De fato, esse ideal de reunir os jogadores italianos, estava presente na carta publicada em 13 de Agosto de 1914 no jornal *Fanfulla*. Enviada pelo jornalista de origem italiana Vincenzo Ragognetti, a carta expressava o desejo de criar um time representativo dos italianos na cidade. Nela lia-se:

Futebolistas italianos que jogam bem, encontram-se em São Paulo porque, de comum acordo, não reunimos os referidos senhores, e assim como temos associações de remo, filodramáticas, mundanas, patrióticas, entre outras, de estrutura italiana, poderemos também ter um clube de futebol exclusivamente italiano. (SALUN, 2007, p. 47)

Segundo Ragognetti, ele escrevia em nome de alguns “conhecidos futebolistas italianos, mas associados a clubes brasileiros”, sobre “um projeto por eles idealizado entre dois goles de café”. A carta ainda deixava indícios de que a idéia de formar um clube com bases étnicas não era original, a inspiração para a idéia vinha do exemplo dos alemães, ingleses e portugueses. “Nós temos em São Paulo [...] o clube de futebol dos alemães, dos ingleses, dos portugueses [...] mas um clube que seja composto exclusivamente de esportistas italianos, e sendo nossa colônia a maior do Estado, nada se tentou ainda realizar!” (RAGOGNETTI apud SALUN, 2007, p. 47).

Em 19 de agosto, uma nova publicação no *Fanfulla*, dessa vez era a convocação para a reunião que fundaria o novo clube em 26 de agosto de 1914. O funcionário da Casa Matarazzo, Luigi Cervo, foi incumbido de redigir um estatuto para a entidade. O estatuto foi feito em italiano, assim como as atas do clube até a gestão de Dante Delmonte, eleito em 1931, quando as atas passam a ser escritas em português, segundo Salun é só na gestão Delmonte que inicia a nacionalização do clube (SALUN, 2007). Apesar desse caráter étnico, o artigo 5º do estatuto previa que, pessoas de qualquer nacionalidade poderiam se associar ao clube, desde que, fossem maiores de 16 anos e residissem em São Paulo. Mesmo com a possibilidade de indivíduos de outras nacionalidades se filiarem ao Palestra, a maior parte dos atletas tinham origem italiana.

Segundo Araújo, “a necessidade de mudança na imagem do grupo italiano e a popularização do futebol no país foram as causas da fundação do Palestra Itália.”(ARAÚJO, 2000). Para o autor, a sociedade paulistana tinha um estereótipo do italiano, que acabava por desagregar a própria comunidade italiana. O Palestra Itália, ao participar do campeonato da APSA, enfrentando assim os times representantes da elite local, deu a oportunidade aos italianos de mostrarem seu valor moral. No campo de jogo, protegidos pelas mesmas regras, travava-se um embate que era velado na sociedade. Ver o italiano disputando em condições de igualdade com aqueles de quem era vítima de preconceito, fortalecia a própria auto-imagem dos imigrantes, estes passaram a não ter mais vergonha de sua condição, lotavam os estádios para torcer por seus pares, nesse sentido o Palestra foi determinante na consolidação de uma identidade italiana na cidade, além de embutir o sentimento de italianidade naqueles que não o tinham. Ajudando a romper com os estereótipos, o time também foi importante na integração desse imigrante à vida social na metrópole. A partir de sua fundação esse grupo imigrante passou a freqüentar em maior numero locais onde antes sua inserção era restringida. Se o time serviu para romper preconceitos, fortalecer a identidade, integrar o imigrante, a trajetória para atingir esses resultados não foi amena, uma série de obstáculos travavam a inserção desse clube nas rodas elitistas. Se, ajudou a romper preconceitos, muitas vezes ele próprio foi alvo desses preconceitos.

O objetivo do Palestra Itália era participar do campeonato oficial, como já mencionamos, houve uma cisão em 1913 e nesse momento duas entidades disputavam o controle do futebol na cidade, a APSA e a LPF. Em 1915, o Palestra notificou o pedido de inclusão à APSA, que aceitou com ressalvas, permitindo ao clube disputar apenas o

campeonato de 1916. Segundo Araújo, o motivo da não aceitação do Palestra na disputa do campeonato de 1915, teria sido sua origem operária, para esse autor, os clubes da elite adotavam uma clara posição de rejeição à popularização do futebol. Alfredo Salun, questiona essa argumentação, para esse autor as condições financeiras precárias dos times ditos de elite, e a quantidade reduzida de sócios de alguns desses clubes, fazia com que a maior parte de suas rendas viessem da cobrança de ingressos, de modo que, lhes era conveniente ampliar a quantidade de espectadores. Segundo Salun, é mais apropriado a idéia de “negociação” do que a de “intransigência” na relação entre os times ditos de elite, e os times populares.

A estréia oficial do time em partidas se deu em 28 de maio de 1915, em um jogo beneficente contra o Paulistano. Apesar de já haver disputado outras partidas, o reconhecimento de sua estréia só se deu quando o clube disputou uma partida contra um representante dos clubes tradicionais de São Paulo. O Paulistano seria o principal rival do Palestra nos seus primeiros anos de história, o clube freqüentado pelas elites paulistas, tinha um largo currículo, sendo campeão da cidade nos anos de 1915, 1916, 1917 e 1918. Com exceção do campeonato 1916, sua estréia, em que o Palestra teve uma atuação pífia, nos outros campeonatos o clube dos italianos obteve bons resultados, como o vice-campeonato em 1917 e 1919 e a conquista do título em 1920, ameaçando a hegemonia do Paulistano e fomentando a rivalidade.

Como não participou do campeonato em 1915, o clube se dedicou a duas práticas que se repetiriam nos anos subseqüentes: os amistosos beneficentes em prol de entidades filantrópicas ligadas à comunidade italiana e os amistosos em cidades do interior Paulista. Essas duas práticas ajudaram de um lado na maior identificação do clube com a comunidade italiana e por outro lado expandia sua influência para além das fronteiras da capital. A idéia de fazer amistosos beneficentes atingia dois objetivos. Em primeiro lugar ele se inseria na círculo esportivo, disputando jogos contra equipes tradicionais da cidade e doando a renda desses jogos à caridade, o Palestra mostrava compartilhar dos valores fidalgos que regiam a prática esportiva oficial nesse momento. As rendas desses jogos eram doadas a causas relacionadas ao país de origem dos imigrantes, como por exemplo, a doação feita às vítimas do terremoto na Itália em 1916, ou a entidades como a Cruz Vermelha Italiana, o Comitê Feminino Italiano Pró-Itália, entre outras. Essa prática tinha enorme apelo num contexto de Guerra Mundial como era o desse período e fortalecia assim sua relação com a comunidade imigrante edificando o status de representante dessa população no meio esportivo (ARAÚJO, 2000).

Os preconceitos encontrados nos primeiros anos não vinham apenas dos clubes ditos de elite, ou das entidades reguladoras do esporte, a imprensa, mesmo que de forma velada, expunha no trato ao Palestra Itália, a forma como encarava a comunidade que o time representava. Ao analisar a forma como o jornal O Estado de São Paulo cobria as atividades no Palestra Itália nos anos de 1915, 1916, 1917, 1920, 1933, 1942, José Renato de Campos Araújo constata uma desigualdade abissal na forma como esse veículo de imprensa, ligado à elite cafeeira, cobria os jogos do Palestra comparado à forma como cobria as partidas de equipes tradicionais da cidade. Segundo Araújo, nos primeiros anos de participação do clube no campeonato da cidade, as escalafões do Palestra Itália não eram divulgadas, enquanto era a de seus oponentes, esse fato só se alteraria no campeonato de 1920 no qual a equipe se sagrou campeã. O espaço destinado à cobertura dos jogos do Palestra eram menores que os de outros clubes tradicionais, sendo que algumas vezes não eram publicados os resultados da partida, quando jogava com um dos times tradicionais (e às vezes até mesmo quando jogava com times de pouca expressão), mesmo que ganhasse com placar elástico, era sempre acentuado o desempenho dos jogadores da equipe derrotada em detrimento dos quadros do Palestra.

A imprensa, na maior parte das vezes, ainda mais quando analisamos o conjunto das notícias sobre o Palestra Itália, menosprezava ou não dava a devida ênfase aos

feitos esportivos da associação, principalmente quando o Palestra enfrentava os “grandes” (ARAÚJO, 2000, p. 105)

O suposto preconceito do qual foi alvo em seus anos iniciais, tornou-se parte integrante da identidade clubística palestrina herdada posteriormente pela torcida palmeirense. No entanto devemos tomar cuidado para não reduzirmos a dinâmica do futebol em São Paulo a dois grupos, elite e popular, coesos internamente, sem divisões, e sem influências mútuas. O próprio Palestra Itália, alvo de desconfiança por parte das elites, por vezes, se apropriou de alguns preconceitos próprios dessa primeira fase do futebol, como é o caso do preconceito racial. O clube só aceitaria seus primeiros atletas negros na década de 1940 (SALUN, 2007).

### **Imigração e Esporte em Curitiba**

Durante a maior parte do século XIX e início do XX, uma série de políticas de estímulo à imigração para o sul do Brasil foram lançadas. A organização desse processo se deu de múltiplas formas, seja pela iniciativa privada, pelos governos provinciais ou pelo governo central. Para o Estado e a sociedade brasileira, o interesse em atrair esses imigrantes para o sul do país era múltiplo, primeiro por ser uma região de tríplice fronteira, local de intensos conflitos sobre a questão dos limites territoriais, ocupar essa localidade era primordial para a consolidação do território nacional. Outro fator importante era o interesse do governo em desenvolver economicamente essa região, gerando maior renda ao Império. (TRENTO, 1989) No final do XIX, a ideologia do branqueamento, estimulará ainda mais o deslocamento de europeus para o país. Esses múltiplos fatores foram determinantes na conformação de uma sociedade com forte influência européia, no sul brasileiro. Segundo Ângelo Trento, “O sul do Brasil [...] representou a saída privilegiada, se não a única, para a primeira imigração italiana, até o grande êxodo em massa iniciado em 1887.” (TRENTO, 1989, p. 77).

Dado às características dessa localidade e os objetivos, o modelo de fixação do imigrante nessa região difere do que predominou em São Paulo em que o emprego dessa mão de obra se deu nas lavouras de café. No sul brasileiro predominou as colônias de povoamento durante boa parte desse processo. Como aponta Zuleika Alvim (1998), apesar do acesso à terra, a vida nessas localidades não era nada fácil, isoladas dos centros comerciais, muitas vezes abandonados pelo governo, esses imigrantes chegavam a passar fome antes das primeiras colheitas. Sobre a origem regional dos italianos que vieram para o Paraná, Ângelo Trento demonstra uma concentração de vênetsos nesse território, segundo o autor, no início da imigração para essa região, cerca de 90% dos italianos que aqui residiam eram vênetsos, percentual que baixa para 70% com o passar do tempo. “Por volta de 1908, dos 52 núcleos coloniais total ou predominantemente italianos, 46 eram habitados por vênetsos, 3 por meridionais, 1 por friulanos e 1 por emigrantes de várias regiões” (TRENTO, 1989, p. 81). Essa concentração regional dos imigrantes fez com que se reproduzisse no sul do Brasil, e no caso que nos interessa, no Paraná, “um tipo de sociedade veneta de fins do século XIX, tradicionalista e católica” (SABBATINI apud TRENTO, 1989, p. 95)

Uma série de fatores, entre eles, a falta de estrutura e o difícil acesso entre as colônias e os centros urbanos, onde poderiam vender os excedentes de suas colheitas, fizeram com que muitas dessas colônias chegassem ao fim, e um fluxo cada vez maior de imigrantes que tinham vindo para se fixar no campo, passavam a migrar para cidades como Curitiba. Trento afirma que um numeroso contingente de imigrantes se deslocou para a periferia de Curitiba por volta de 1880, segundo o autor em 1889 haviam 16 núcleos coloniais na região, com cerca de 10.000 italianos habitando-os. (TRENTO, 1989, p. 88) Com o tempo esses imigrantes vão se dedicando a outras atividades que não as agrárias, como o comércio, iniciando um processo de urbanização dessa população.

“Nasce assim uma camada urbana de certa consistência que, às vezes, vivia com relativo conforto, sem nunca chegar porém, a ser verdadeiramente rica: para termos uma idéia, basta ver a lista das propriedades italianas de Curitiba em 1913, onde a formação de uma camada média havia sido facilitada pela localização dos núcleos coloniais na periferia da cidade.” (TRENTO, 1989, p. 98)

O impacto dessa imigração foi determinante para Curitiba, provocando profundas transformações em seu desenvolvimento urbano, e contribuindo para a inserção de novas formas de divertimento e sociabilidade na capital paranaense. André Mendes Capraro destaca que em meio a essas transformações, desenvolve-se o futebol no Paraná, introduzido e divulgado inicialmente por imigrantes ingleses, alemães e italianos, e posteriormente por brasileiros com relações ou influências com esse círculo (CAPRARO, 2002). Praticado inicialmente por imigrantes, os esportes, dentre eles o futebol, caíram na graça dos filhos da elite curitibana, associada aos ideais de civilidade, modernidade, ócio, estética corporal, ética do *fair play* e vida ativa, as práticas esportivas ostentavam enorme capital simbólico (CAPRARO, 2010, p. 153). Elementos de distinção social, as práticas culturais e esportivas, de origem européia e estadunidense, passaram a ocupar o tempo livre das elites curitibanas, na virada do século XIX para o XX.

É comumente atribuído ao ano de 1909 a introdução do futebol no Paraná, quando alguns funcionários de uma “companhia inglesa responsável pela implantação de ferrovias no estado, começaram sistematicamente a praticar o futebol na cidade de Ponta Grossa” (CAPRARO, 2002, p. 12). Em Curitiba, descendentes de alemães introduziam a prática desse esporte no Clube de Ginástica. Teria sido realizado por essas duas equipes o primeiro jogo entre clubes distintos no estado do Paraná. Capraro relativiza essa visão, apontando que, antes mesmo da fundação desses clubes, o futebol já era praticado em colégios Maristas e nas ruas de Curitiba (CAPRARO 2002). Segundo o autor, é difícil mapear o desenvolvimento individual de uma única modalidade esportiva em Curitiba, dado que a concepção de esporte na época era eclética, pois tinha como objetivo ostentar uma variedade de práticas culturais de origem européia. “As atividades eram conjugadas sem crivo, desde que isso significasse mover-se”(CAPRARO, 2010, p. 159). Aos domingos, os *festivals sportivos* realizados no *Jockey Club* do Paraná aglutinavam a população curitibana, nesses festivais uma enorme variedade de esportes e jogos eram praticados, além das competições, os chás e saraus completavam a programação desses festivais. O futebol se popularizou por meio desses festivais, sendo praticado de início em um campo improvisado no *Jockey Club*. Um campo próprio para a prática do futebol, só seria construído em 1914 pelo Internacional *Football Club*.

Em meados da década de 1910, o futebol já era popular na cidade e uma enorme quantidade de pequenos clubes eram fundados em Curitiba. Essa popularização gerou a demanda por uma entidade que regulamentasse a prática na capital paranaense. A exemplo do que aconteceu em outros estados, esperava-se que através de uma liga fosse possível assegurar o caráter elitista desse esporte, excluindo da entidade os times indesejados. Além do mais, essa liga seria responsável por padronizar a prática do futebol em Curitiba, que até então era jogado das mais diversas formas e com as mais diferentes regras. Em 1916, e depois de uma enorme disputa pelo controle do futebol entre os clubes tradicionais, fundou-se a Associação Sportiva Paranaense (A.S.P). O ecletismo característico dos primeiros anos do futebol em Curitiba, dá lugar à regulamentação e normatização dessa prática, levada a cabo pela entidade recém fundada. É nesse contexto, de uma prática já normatizada e difundida do futebol, que surge o Palestra Itália curitibano em 1921, colocando em risco, já no seu primeiro campeonato, a hegemonia que o Britânia ostentava no campeonato da ASP.

### **Um Palestra em Curitiba: apontamentos comparados com o Palestra paulistano**



Em 1921 o Palestra Itália já era um dos maiores times da cidade de São Paulo, o clube havia conquistado o campeonato de 1920 e fora vice-campeão em 1917 e 1919. Em paralelo com a disputa do campeonato da cidade, o clube realizava jogos no interior do estado, expandindo sua torcida para além das fronteiras da capital. O rápido desenvolvimento de São Paulo fez com que se tornasse um dos centros econômicos e culturais do Brasil, os acontecimentos locais repercutiam pelo território nacional, influenciando outras localidades. O foco estava voltado para a cidade e o Palestra Itália era um dos atores nesse grande palco que crescia em visibilidade. Inspirados no sucesso do Palestra paulistano, no dia 2 de janeiro de 1921, fundava-se em Belo Horizonte a *Societá Sportiva Palestra Italia*, o mesmo ocorreria na capital paranaense e no interior de São Paulo, onde novos Palestras surgiam.

A influência de São Paulo no ambiente futebolístico de Curitiba pode ser verificado nas publicações da Gazeta do Povo na década de 1920. Ao versar sobre a rivalidade entre o Britannia e o Curityba, o jornal compara-a à rivalidade entre dois clubes paulistanos. “Todos bem sabem da rivalidade existente entre os dois valorosos grêmios. Cada qual quer ter a supremacia, dando-se aqui o mesmo que acontece em S. Paulo entre o Paulistano e o Palestra”.<sup>1</sup> Na esteira dessa influência surge a idéia, por parte da comunidade italiana local, de montar um clube representativo desse grupo, seu nome, Palestra Itália, era mais um exemplo da forte influência paulistana no futebol curitibano.

A falta de trabalhos acadêmicos sobre o clube e a escassa documentação sobre o episódio, deixam uma brecha a cerca do processo de fundação do Palestra Itália de Curitiba. Francisco Genaro Cardoso em seu “História do Futebol Paranaense” versa sobre o assunto. Segundo Cardoso (1978), o clube haveria surgido com esse nome em 7 de janeiro de 1921, sob a iniciativa dos desportistas Antônio Prisco e Benedito Giampaolli, que reuniram elementos da colônia italiana, fundando o clube e elegendo como seu primeiro presidente Natale Ferrari. Cardoso ainda acentua a relação desse clube com o Banco Francês-Italiano na cidade. (CARDOSO, 1978, p. 425). A relação com o banco também é defendida na obra “Futebol Paraná História” de Heriberto Ivan Machado e Levi Mulford Chrestenzen, segundo esses autores, além de Antônio Prisco e Benedito Giampaolli, outro personagem participou da criação da equipe, era “Ângelo Gorla, superintendente do Banco Francês e Italiano (Sudameris)”. (CHRESTENZEN; MACHADO, 1990, p.31) Chrestenzen e Machado, ainda indicam que o objetivo da fundação da equipe era “o fim precípua de desbancar o ‘imbatível’ time do Britânia.” (CHRESTENZEN; MACHADO, 1990, p.31).

Verificamos os jornais Diário da Tarde e Gazeta do Povo no mês de janeiro de 1921, e não encontramos menção à fundação do Palestra Itália em nenhum dos periódicos. Os nomes de Antônio Prisco, Benedito Gianpaolli, Natale Ferrari e Ângelo Gorla, não constam nas escalações do time durante o campeonato de 1921. E mesmo nas reuniões da A.S.P. realizadas em 1921 e 1922, esses nomes não aparecem como representantes do Palestra Itália. Por exemplo, na reunião da A.S.P. em 20 de fevereiro de 1922, que tinha como pauta a formação de uma chapa para ocupar a diretoria da entidade nesse ano, o representante do Palestra foi Mario Montrucchio.<sup>2</sup> Na assembléia geral responsável por eleger a nova diretoria da entidade, realizada em 22 de fevereiro de 1922, a ausência daqueles nomes é mais uma vez atestada, como representante do Palestra Itália, estava um tal Dr. Placido e Silva.<sup>3</sup> É no mínimo estranho que, os supostos fundadores e diretores do clube recém formado, não participassem das reuniões mais importantes da entidade máxima do futebol no estado, a situação apontada pelas fontes indica a necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre esse episódio.

Em 2 de abril de 1924, na mesma edição em que cobria o funeral de Nilo Peçanha, a Gazeta do Povo, em sua seção Desportos, trazia um artigo denominada “O historico de nossos clubs”. Nesse artigo, linhas e mais linhas foram dedicadas à história de clubes tradicionais da cidade, como o Internacional, o América, o Britannia e o Paraná Sport Club. O espaço

ocupado pela Palestra nesse “histórico” da Gazeta, é sintomático da forma como esse jornal tratava o clube em seus anos iniciais. “*PALESTRA, PARANA’ E UNIVERSAL Os três clubs acima são os mais novos da A.S.G. O Palestra e o Universal foram fundados em 1920*”.<sup>4</sup> Em duas linhas, divididas com o Paraná e o Universal, o periódico contava a história de um clube, que naquela época, e com apenas três anos de existência, já havia sido duas vezes vice-campeão da A.S.P e seria o vencedor do campeonato de 1924. Além da clara diferença entre o trato dado ao Palestra comparado ao dado a outros clubes tradicionais da cidade, um outro fator nos chama atenção nessa passagem. Segundo a Gazeta, o Palestra teria sido fundado em 1920, desse modo temos uma nova possibilidade para a fundação dessa equipe. Corroborando com essa tese, Chrestenzen e Machado afirmam que a idéia de formar o clube surgiu em fins de 1920 entre membros da Sociedade Danti Alighieri e o Banco Francês e Italiano. (CHRESTENZEN; MACHADO, 1990, p. 28)

Mesmo antes da fundação do Palestra Itália, percebemos a participação de elementos da comunidade italiana no futebol curitibano. E desde 1914 existia um clube relacionado com essa comunidade denominado Savóia F.C. Desse modo, e diferente do caso paulistano, não podemos afirmar com certeza que a fundação do Palestra curitibano tenha sido um feito inédito no ambiente associativo da cidade. Na cidade de São Paulo, existiam clubes italianos antes do Palestra Itália, mas esses eram, em sua maioria, vinculados à identidades regionais. Diferente de São Paulo, em que atestamos a presença de imigrantes oriundos de diversas regiões da península itálica, no Paraná, a maioria absoluta desses imigrantes eram originários de Vêneto, portanto a possibilidade de que a existência de duas associações esteja relacionada com divisões regionais, se mostra bastante improvável, apesar de não poder ser descartada. A motivação central para a formação de um novo clube relacionado à comunidade italiana, provavelmente esta ligado à descontinuidade do Savóia F. C. Fundado em 1914, o clube só viria a disputar o campeonato em 1916, em 1917 o clube participa do campeonato junto com o Operário, mesclando em seu quadro jogadores das duas equipes, mas desiste do certame ao fim do primeiro turno. Nos anos de 1918 e 1919, o clube não disputa o campeonato, e alguns de seus jogadores competem pelo Água Verde. Finalmente em 1920, Savóia e o Água Verde se fundem, e o clube volta à competição. É possível que, frente a essa trajetória irregular do Savóia, e a sua relação com clubes que não ostentavam uma identidade étnica, tenha surgido a necessidade de fundar um novo clube representativo dos italianos na cidade.

Apesar de serem fundados em diferentes contextos sócio-históricos, e guardar enormes diferenças entre si, chama-nos a atenção alguns pontos em comum na trajetória do Palestra Itália curitibano comparado à do paulistano. Os dois são fruto do processo de popularização do futebol, nos dois casos, essas entidades rivalizaram com clubes representativos das elites (Britannia e Paulistano) e que detinham a hegemonia em seus respectivos campeonatos. Outro ponto em comum é o trato recebido pelos jornais locais, se o Palestra paulistano foi alvo de preconceito de O Estado de São Paulo, o Palestra curitibano era tratado com descaso pela Gazeta do Povo, principalmente se comparado à cobertura que esse periódico dava aos clubes tradicionais da cidade. Por exemplo, ao analisar a vitória do Britannia sobre o Palestra em três de outubro de 1921, o periódico é enfático, “a esquadra britannica, conquistou além de um triunfo desportivo, um triunfo de civilidade e fidalguia.”<sup>5</sup> À luz do exposto acima, nos parece claro que, nas linhas dos jornais, expressava-se um preconceito que extrapolava o campo esportivo e se relacionava com a forma com que a maior parte desses imigrantes eram vistos pela sociedade que os receberá.

## BIBLIOGRAFIA

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARAÚJO, José R. de C. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. São Paulo: Sumaré, 2000

BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2005.

CAPRARO, André M. *Football, uma prática elitista e civilizadora*. Dissertação em História – UFPR, 2002.

\_\_\_\_\_. Esporte, cidade, modernidade: Curitiba. In: MELLO, V. (org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 147-168.

CARDOSO, Francisco Genaro. *História do futebol paranaense*. Curitiba: 1978.

CHRESTENZEN, Levi Mulford; MACHADO, Heriberto Ivan. *Futebol Paraná história*. Curitiba 1990.

FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: DEL PRIORE, M; MELLO, V. (orgs.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 107-132.

\_\_\_\_\_. Esporte, cidade, modernidade: São Paulo. In: MELLO, V. (org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p. 49-70.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, Raphael R. *Participação dos imigrantes nos primeiros anos do esporte em Belo Horizonte*. Disponível em: <<http://www.ponteentreculturas.com.br>>. Acesso em: 12 jun 2011.

SALUN, Alfredo O. *Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?* Dissertação em História – USP, 2007.

TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico: Um século de imigração italiana para o Brasil*. São Paulo: Nobel, 1989.

## PERIÓDICOS

GAZETA DO POVO. Curitiba, 1921-1924

<sup>1</sup> DESPORTOS. Gazeta do Povo. Curitiba, 10 dez. 1921.

<sup>2</sup> DESPORTOS. Gazeta do Povo. Curitiba, 20 fev. 1922.

<sup>3</sup> DESPORTOS. Gazeta do Povo. Curitiba, 23 fev. 1922.

<sup>4</sup> O HISTORICO DE NOSSOS CLUBS. Gazeta do Povo. Curitiba, 02 abr. 1924.

<sup>5</sup> DESPORTOS. Gazeta do Povo. Curitiba, 03 out. 1921.